



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

CASA ESCOLA DA PESCA: práticas educativas e direitos LGBTQ

MSc. Renata Aguiar; MSc. Clarissa Santos

Casa Escola da Pesca – Fundação Escola Bosque, renataaguiarte@gmail.com

Casa Escola da Pesca – Fundação Escola Bosque, claramel22@yahoo.com.br

Resumo: Construindo narrativas das práticas pedagógicas do ano de 2017 na Casa Escola da Pesca (unidade pedagógica integrante da Fundação Escola Bosque) na ilha de Caratateua, periferia urbano-ribeirinha de Belém/PA/Brasil que culminaram com as duas primeiras exposições de Projeto Pessoal de Vida do Alunx – PPVA (requisito para obtenção de título de Ensino Fundamental e Médio-Técnico na modalidade Educação de Jovens e Adultos/EJA) de temática declaradamente LGBTQs. Na escola são corpos reais, com sua própria história, trajetória e direito a educação que clamam por sua existência sem violação. Expor (-se) é um ato de vulnerabilidade e resistência dado que as estruturas da sociedade da forma como é organizada privilegia a heteronormatividade, no entanto, se todos têm o direito à liberdade, discutiremos no artigo que corpos são esses e que espaços têm para ocupação e tráfego. O artigo cria um relato da experiência de educação contra hegemônica que os corpos LGBTQs dos alunos Matheus/Ingrid e Kellem suscitaram no espaço escolar e suas potencialidades poético-políticas a partir da orientação das professoras Clarissa Santos e Renata Aguiar; que na Amazônia, lugar de produção de sentidos e identidades faz surgir questões e discussões próprias que assim observadas na sua especificidade resistem à homogeneização globalizante e descoloniza corpos e mentes amazônidas.

Palavras-chave: Pedagogia da alternância. LGBTQs. Amazônia.

INTRODUÇÃO

A Casa Escola da Pesca (CEPE), localizada na Ilha de Caratateua, bairro de Itaiteua, oferece atualmente o Ensino Fundamental e Médio, ofertados nas modalidades: Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Educação Profissional. No Ensino Fundamental são ofertados os ciclos finais (3ª e 4ª Totalidades) juntamente a uma Iniciação Profissional em Pesca e Aquicultura. No Ensino Médio, ao final dos dois anos de Curso, o aluno concluinte também é habilitado como

Técnico em Recursos Pesqueiros. Para a certificação nos níveis de Iniciação profissional e técnico a Escola exige a apresentação do Projeto Pessoal de Vida do Aluno (PPVA), que na prática se trata de um artigo construído pelo aluno junto a um professor orientador, no qual o aluno deve apresentar perspectivas futuras para sua vida a partir dos conhecimentos construídos no período de formação escolar articulado com suas vivências comunitárias.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

A CEPE foi criada em 2008 com o objetivo de atender aos ribeirinhos das regiões insulares de Belém/PA que por conta do trabalho e da dificuldade de acesso na região, não tiveram acesso à educação escolar. Tradicionalmente os alunos e seus familiares subsistem dos sistemas aquáticos, por meio da pesca e do manejo do açaí, assim a Casa Escola da Pesca foi fundada na Pedagogia da Alternância que busca ressignificar e trocar saberes tradicionais e populares com saberes da educação formal a partir de uma vivência alternada entre escola e comunidade, por meio de períodos quinzenais alternados, entendendo que o jovem na sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber pode se convencer definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção (FREIRE, 2000).

Devido a ampla carga horária relativa aos níveis escolares e as habilitações de Iniciação Profissional e Formação Técnica as aulas se dão, durante a quinzena escolar, em período integral de segunda a sexta, de 7:40h às 17:35h. Para os alunos provenientes de comunidades ribeirinhas, existe ainda a vivência escolar comunitária, que acontece no período noturno já que esses alunos dormem na escola durante a semana, caracterizando um regime de semi-internato, voltando as suas

comunidades no final de semana. Durante o período noturno, que é chamado de monitoria e/ou vivência escolar comunitária, alunos e professores monitores permanecem na escola no período após as aulas com atividades lúdicas, educativas ou de lazer como cineclube, leitura, capoeira e futebol e de vivência comunitária como serviço de jantar coletivo, limpeza e organização dos espaços escolares utilizados e pôr fim a convivência em dormitório escolar.

Na quinzena na qual os alunos retornam as suas comunidades, estes levam consigo um bloco de exercícios, intitulado na escola de Plano de Estudos de Alternância, no qual os alunos devem, a partir das relações com suas práticas de trabalho, criar conexões com os saberes formais. Dessa forma, o tempo despendido na comunidade e no trabalho tradicional é também constitutivo de aprendizagem que é entendido e contabilizado como período letivo no currículo da Casa Escola da Pesca. Para Alda Luzia Pessotti (1978) que realizou pesquisa no Espírito Santo sobre Escolas Famílias Agrícolas (EFAs):

A alternância consiste em repartir o tempo de formação do jovem em períodos de vivência na escola e na família. Esse ritmo alternado rege toda a estrutura da escola e a busca a conciliação entre a escola e a vida não permitindo ao jovem desligar-se de sua família e, por conseguinte, do meio rural. (2003, p. 37)

Embora a escola tenha sido pensada em toda a sua organização institucional para



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

atender as comunidades ribeirinhas/rurais, a maioria dos alunos são advindos das comunidades urbano/insulares da Ilha de Caratateua e comunidades periféricas continentais das adjacências, criando uma série de conflitos e tensões entre alunos, professores e coordenação pedagógica, por conta de discordâncias quanto ao foco e forma das ações pedagógica, além dos constantes choques identitários que esse encontro das duas margens do rio (urbano/rural) acarretam.

Num estudo recente, da pesquisadora Lourdes Helena da Silva, é feita uma análise mais profunda do conceito de alternância, trazendo à tona um debate muito importante, o uso de uma alternância de aparência:

A alternância real [...] consiste em uma efetiva implicação, envolvimento do alternante em tarefas da atividade produtiva, de maneira a relacionar suas ações com a reflexão sobre o porquê e o como das atividades desenvolvidas. (p. 30)

Neste artigo o que construímos são narrativas das vivências de orientação dos PPVAs dos alunos Matheus/Ingrid Reis e Kellen Oliveira, que a partir da arte ocupam espaços e constroem um saber e uma experiência disruptiva quando pensamos a educação no campo, que pouco pensa ou debate os corpos LGBTQs e sua resistência dentro da escola, produzindo sentidos e identidades outras.

1. Casa Escola da Pesca: micropolíticas pedagógicas de resistência LGBTQ

No ano de 2017 os alunxs Kellen Souza Oliveira e Matheus Eduardo de Souza Tavares/Ingrid Reis, concluintes do Ensino Fundamental e Formação Profissional Inicial em Recursos Pesqueiros, defenderam PPVAs de temática LGBTQ, orientados respectivamente pelas professoras Renata Aguiar (arte) e Clarissa Santos (geografia) ainda em parceria e com o apoio dos professores que compuseram as bancas de avaliação, Dicleidson Costa (Educação Física) e Nairo Bentes (Matemática), que foram de fundamental importância para que a realização da atividade fosse possível, proporcionando uma vivência de ensino interdisciplinar, que para Ana Mae Barbosa:

[...]sugere a existência de disciplinas em separado, autônomas, que se pretende inter-relacionar, estendendo fronteiras, sobrepondo contextos, explorando faixas intermediárias. Historicamente, podemos apontar como fundamento da interdisciplinaridade a ideia de totalidade, paulatinamente substituída pela ideia do inter-relacionamento do conhecimento: inter-relacionar as diversas disciplinas para atingir a compreensão orgânica do conhecimento, ou abarcar a globalidade do conhecimento, humanísticas da educação. (2010, p.17)

Assim unindo alunxs do Ensino Fundamental e Médio em uma jornada de defesas de PPVA que teve pela primeira vez como protagonistas LGBTQs, expondo suas



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

vidas e experiências como constitutivas de conhecimento e saber válido, foi pela primeira vez na história, revalidado pela CEPE, que como instituição deve cumprir a missão de lugar de difusão e construção de saber com abrangência global do conhecimento daquelas comunidades e indivíduos.

O processo de orientação e escrita dos PPVAs destes alunxs reorganizaram o uso da pedagogia da alternância para o contexto muito específico da CEPE, que como exposto anteriormente nesse artigo, mistura jovens das margens urbanas e ribeirinhas da cidade de Belém, assim buscamos criar uma alternância real, para as vidas e corpos reais desses alunxs discidentes:

[...] pois utiliza em seu processo de aprendizagem situações vividas pelos jovens, encontradas e observadas em seu meio, em vez da simples aplicação, na prática, das aulas teóricas, como acontece nas escolas tradicionais. (ESTEVAM, 2005, p. 26)

Com aspectos relacionados tanto no campo da visualidade como das experimentações vividas e saberes científicos proporcionados pela escola e seus tencionamentos como espaço de convivência e conhecimento, buscamos também transformá-la em lugar de respeito e tolerância das multiplicidades que se apresentam nos mais diversos tipos

humanos. Neste artigo narramos em duas partes, as experiências de ensinar e aprender pela perspectiva de duas professoras.

1.1 Projeto Unicórnio: cartilha LGBT na Casa Escola da Pesca.

No ano de 2017 eu – Profa. Renata Aguiar – orientei a aluna Kellen Souza Oliveira, concluinte do Ensino Fundamental no seu PPVA que foi intitulado “**Projeto Unicórnio: Cartilha LGBT na Casa Escola da Pesca!**”. A ideia do projeto surgiu a partir de conversas com a aluna sobre identidades LGBT e a homofobia e machismo institucional existentes na CEPE.

A CEPE que foi criada no ano de 2008 permaneceu até o ano de 2014 sem a presença de alunas mulheres, embora não houvesse nenhuma norma ou regimento oficial que justificasse tal prática discriminatória de cunho sexista, fato que só foi modificado com o questionamento feito por mim e sustentado com o apoio dos professores Dicleidson Costa e Nairo Bentes, então recém chegados efetivos do primeiro concurso público para provimento de cargos da CEPE. A partir do debate suscitado em reunião docente, nos prontificamos a realizar um levantamento e posterior matrícula de alunas provenientes das comunidades atendidas pela escola. No ano de 2015 houve a entrada na escola do primeiro grupo de alunas.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

O trabalho pelo direito a presença das mulheres na CEPE, foi o primeiro de muitos levantes da minha experiência docente na CEPE, pautada principalmente pela luta por igualdade de direitos de mulheres e LGBTQs. O caminho que percorri durante quatro anos na escola foi atravessado por essas lutas, que incluíram ações contra o *slut shaming*¹ de alunas sexualmente ativas e/ou mães solo e ações de empoderamento feminino com conversas e ações de movimentos feministas na escola com a #partida feminista, a Rede de Mulheres Negras e as Mulheres do fim do mundo, ações contra a homofobia institucional, que opera criando constantes ameaças a presença LGBTQ nas atividades da escola e principalmente no direito ao dormitório, criando precedente institucional para agressões homofóbicas físicas e verbais, proferidas por alunos e muitas vezes por profissionais, mesmo os de educação, e racismo institucional, expresso na perseguição e desqualificada operada pela Coordenação Pedagógica à prática da capoeira e projetos que buscam a valorização da cultura negra.

Todas essas ações acabaram criando um ambiente de confiança com alguns alunos, que viam nessa forma de prática docente um caminho pelo qual se comunicar,

¹ do inglês, *slut*, gíria para se referir a mulher promíscua, prostituta, e *shaming*, de *shame*, verbo que significa "envergonhar, causar vergonha", em tradução livre, seria "tachar de prostituta" ou "de

contar suas próprias histórias e se disponibilizar a construir juntos, pois enxergam nessa prática pedagógica uma educação libertadora.

Foi assim que a aluna Kellen concluinte do Ensino Fundamental e da Formação Inicial em Recursos Pesqueiros chegou a até mim propondo trabalharmos juntas em seu PPVA, pois gostaria de falar sobre as "injustiças feitas aos gays" segundo a estudante o motivo de ter escolhido esse tema para seu artigo era o seguinte: "queria deixar uma contribuição, porque quero um trabalho que as pessoas reflitam sobre, quero fazer uma coisa boa e marcante" e seguiu ainda em sua justificativa falando sobre a tomada de decisão pelo tema: "[...] então resolvi fazer meu trabalho sobre isso desde quando eu realmente vi que LGBTQs são tratados com diferença, mas não uma diferença boa, mas com violência verbal e física, mesmo qualquer pessoa tendo o direito de ser gay."²

Durante as orientações conversamos sobre a atual realidade do país quanto a questão LGBTQ, e pedi a aluna que pesquisasse mais sobre ações afirmativas existentes e quanto a possibilidades de reverter o quadro trágico existente atualmente no país que é considerado o campeão mundial de assassinatos de

vadia" é uma forma de estigma social aplicada a mulheres e meninas, que são percebidas por violar as expectativas tradicionais machistas de comportamento.

² Texto escrito pela aluna no seu PPVA



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

LGBTQs, que segundo dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), que desde sua fundação vem coletando informações sobre violências praticadas contra essas minorias sexuais, constituindo um acervo único no país de registros de 1980 até os dias de hoje, utilizado como principal fonte dados por ativistas e pesquisadores, posto não haver estatísticas oficiais no Brasil sobre a violência contra homossexuais.

Para o choque da aluna a internet lhe mostrou uma série de polêmicas publicações sobre o material educativo que ficou conhecido no Brasil como “kit gay”, que na realidade se tratava de um projeto de educação e conscientização contra a homofobia nas escolas, na prática era um material impresso e de vídeo para ajudar na formação de alunos e professores do Ensino Médio que seria distribuído na escola pelo Ministério da Educação (MEC), no entanto foi barrado por forças conservadoras da sociedade brasileira, representados no legislativo do país pela bancada evangélica, o projeto que levava o nome de “Escola sem Homofobia”, era constituído por vídeos elaborados pelo MEC (2011), em convênio firmado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), que tratavam de homossexualidade, transexualidade e bissexualidade entre jovens, o material era composto por 3 vídeos e um guia

de orientação para professores e tinha como objetivo debater a sexualidade no ambiente escolar, como forma de reconhecer a diversidade sexual e alertar sobre o preconceito.

A partir dessas informações e das experiências da própria aluna, que se reconhece bixessual e havia no ano de 2017 ido pela primeira vez à uma parada do Orgulho LGBT no centro da cidade de Belém, surgiu a ideia de conscientizar a CEPE sobre a homofobia e identidades divergentes a norma heterossexual. Assim buscamos aprofundar as informações que haviam surgido na rede de computadores por meio da leitura de artigos e livros, que busquei e emprestei para a aluna, já que a pequena biblioteca da escola não possui acervo sobre o tema.

Kellen é reconhecida na escola por seus amigos pelo apelido de “unicórnio”, por conta dos desenhos que faz do animal místico, e pela identificação dos movimentos LGBTQs com a figura de um unicórnio com a crina nas cores do arco-íris, assim a necessidade de falar de igualdade e LGBTQfobia na escola que era afirmada nas palavras da aluna: “Não somos doentes coisa nenhuma, só somos loucos o suficiente para bater de frente, dar a cara a tapa e lutar até o fim, chegando e jogando purpurina e vomitando arco-íris, pois somos unicórnios gays.”³ (*sic*). Foram sendo agregadas as suas

³ Texto escrito pela aluna no seu PPVA



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

aptidões para a arte, principalmente o desenho e a escrita.

Imagem1: cartilhas LGBT do projeto unicórnio



Fonte: arquivo pessoal

No primeiro semestre havia trabalhado arte e política, levando as turmas do Ensino Fundamental e Médio para a exposição “Não Dito” da artista pernambucana Ana Lira no Museu de Artes Brasil Estados Unidos em, no final da visita os monitores educativos realizaram atividades de construção de fanzines com alunos da Casa Escola da Pesca, fanzines são publicações de baixo custo que podem ser construídas com colagens, desenhos e pinturas, são pequenas revistas que podem ser reproduzidas em fotocópia para serem distribuídas de forma rápida e barata. É um importante meio para circulação de contrainformação e de comunicação popular.

Assim surgiu a ideia de reavivar o projeto “Escola sem Homofobia” num contexto local e de baixo custo para ser distribuído na CEPE. Com a ideia na cabeça e pouco tempo nas mãos partimos para confecção das cartilhas LGBT da CEPE,

escolhemos o formato A5, por ser pequeno e de fácil produção e manuseio. A produção dos fanzines foi feita com desenhos de unicórnios da própria aluna na técnica de estêncil, que havia sido abordada anteriormente nas aulas de arte e com a qual a aluna havia se identificado. Também foram utilizados recortes de revistas e dados da violência LGBTQ no Brasil, além de frases de empoderamento LGBTQ e gritos de guerra usados nas passeatas e paradas LGBT das quais a aluna havia começado a participar como ativista.

O artigo apresentado pela aluna fez um levantamento dos dados de violência no país e apresentou como solução local a educação, o que até hoje, decorrido quase um ano da apresentação do “Projeto Unicórnio” na CEPE, me enche de esperança, pois segundo Paulo Feire (2000, p.43):

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. Na verdade, do ponto de vista da natureza humana, a esperança não é algo que a ela se justaponha. A esperança faz parte da natureza humana.

Apesar da pouca participação da comunidade escolar na defesa do PPVA da Kellen (boicote promovido pela própria Coordenação Pedagógica da CEPE, que mais uma vez demonstrou sua homofobia e se utilizou de sua posição de poder para promovê-la), o momento foi de empoderamento e



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

partilha de experiências e conhecimento entre os professores da banca avaliadora e os alunos que em posição de resistência foram assistir e apoiar a defesa da colega.

Imagem 2: defesa do PPVA da aluna Kellen, com professores e colegas de classe



Fonte: adaptado do Instagram

1.2 Diversidade de gênero no espaço

escolar: a história da Drag Queen que acredita na construção de uma escola formadora de sujeitos livres e iguais na sua diferença.

Já estávamos próximo ao final do ano letivo de 2017 e a casa escola da pesca passava por um contexto de grande conflito em função dos diversos entendimentos com o trato pedagógico e com as temáticas necessárias a serem abordadas no espaço escolar. O ponto de conflito principal foi a II Semana de Diversidade da CEPE: quebrando o Tabu evento promovido pelos professores efetivos da CEPE. Este evento que já havia sido promovido no ano anterior, sem muita resistência, por parte da coordenação pedagógica, neste ano foi teve sua realização totalmente negada, revelando assim a

intolerância e preconceitos a respeito da discussão em torno de abordagens tais como racismo, intolerância religiosa, LGBTQfobia, aborto e drogas.

Entretanto resolvemos organizar o evento por conta própria, uma vez que julgávamos extremamente necessário o debate sobre as principais pautas contemporâneas que precisam ser dialogadas em todo e qualquer espaço de reflexão. As principais abordagens escolhidas para o evento foram a respeito do racismo e intolerância religiosa, o crescente consumo de agrotóxico e a cultura alimentar como ponto de resistência, a importância dos movimentos sociais frente às injustiças\violência no campo, a prática da capoeira como ação afirmativa da nossa ancestralidade africana e, por fim, o avanço nos números da LGBTQfobia na sociedade brasileira.

O evento ocorreu durante uma semana e as tentativas de impedimento e cerceamento eram constantes, porém, alunos e professores, num movimento de construção de um espaço de liberdade humana, mantiveram as atividades até o seu encerramento com a realização do primeiro batizado de capoeira, promovido pelo Professor Dicleidson Costa, dentro deste espaço escolar.

Evidentemente que nos dias decorrentes ao evento a situação de dialogo entre o corpo de servidores desta instituição



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

ficou estremecido. Foi neste contexto de embate que eu – Profa. Clarissa Santos – orientei o aluno Matheus/Ingrid Reis, concluinte do Ensino Fundamental, no seu PPVA intitulado “Diversidade de gênero no espaço escolar: a história da Drag Queen que acredita na construção de uma escola formadora de sujeitos livres e iguais na sua diferença.”. A ideia do projeto surgiu a partir de conversas com x alunx logo após lhe ser negado o direito a participar das monitorias (dormida) na escola. Alegando-se o fato de o aluno não ser oriundo de área ribeirinha. Porém há casos de alunos que por apresentarem dificuldades financeiras em manter o seu deslocamento diário para a escola, aos quais, é concedido o direito de permanecer no espaço escolar no período noturno.

Dessa maneira o alunx teve o entendimento de que o motivo central para a negação era de base homofóbica e intolerante por parte da coordenação desta escola. O que o leva a conclusão da importância de se tratar de forma clara a temática da homofobia no espaço escolar e de como a escola deveria se colocar como principal frente de resistência aos crimes de LGBTfobia que crescem a passos largos na nossa sociedade. Nesse contexto a simples decisão de escolha e persistência do tema para a construção do PPVA já se revelou um momento de muitas tensões e conflito. Uma

vez que eram frequentes as tentativas de cerceamento do desenvolvimento do trabalho proposto.

Matheus Eduardo é declaradamente homossexual e performa a Drag Queen conhecida por todos como Ingrid Reis. Nos seus 21 anos e, por ter se auto afirmado LGBTQ desde muito cedo, experimentou inúmeros episódios violentos de homofobia. Justamente por este motivo, se reconhece como um agente de transformação social que, a partir do relato da sua história de vida, pode contribuir para a superação dos preconceitos e intolerância tão enraizados no espaço da CEPE.

Em nossas primeiras conversas a respeito das experiências de uma Drag Queen em uma sociedade cada vez mais pautada no discurso homofóbico da “família tradicional”, Matheus Eduardo relatou a profunda tristeza, sua e de seus amigos, com o atual debate defendido, sobretudo, pela bancada evangélica, intitulado “cura gay” que, grosso modo, classifica a homossexualidade como uma patologia que precisa de acompanhamento psicológico e psiquiátrico para uma possível cura. Para Matheus e seus pares este debate contribui muito mais para o aumento do ódio e violência contra a comunidade LGBTQ do que para a construção de uma sociedade mais humana e que respeite as diversidades de gênero.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Imagem 3: Ingrid Reis defendendo seu PPVA



Fonte: Arquivo pessoal

“Espero que tudo isso encontre uma solução pra esse grande problema que está atingindo a nossa comunidade LGBT, já estamos cansados de tanta crueldade. Mas não vamos desistir de dizer o que pensamos, de mostrar para o mundo que existimos e que estamos sendo massacrados só pelo fato de amar uma pessoa do mesmo sexo. E isso nunca foi e nunca será doença. Não podemos mais continuar sendo punidos, violentados e mortos por amar quem quer que seja. Não vamos nos calar enquanto as pessoas não entenderem que tudo o que queremos, e precisamos, é o mínimo de respeito a nossa diversidade de gênero e que não podemos ser punidos por amar um igual. O LGBTfobia amor nunca vai ser um problema, mas o ódio sim. Chega de ódio e intolerância! Viva os gays, as lésbicas, as bi e os/as trans.! Viva a nossa diversidade!”⁴ (sic)

Foi assim, se colocando como protagonista no contra discurso da intolerância de gênero, que Matheus/Ingrid constrói as reflexões no seu texto e na apresentação do seu trabalho. Porém vale destacar que esse processo de construção e percepção do seu lugar no mundo, também foi sendo ressignificado ao longo de toda a tomada de consciência que o ato da pesquisa proporcionou para x alunx. Pois ao se deparar com as estatísticas da LGBTfobia publicadas na internet, o aluno teve conhecimento que atualmente o Brasil é o campeão mundial em crimes contra as minorias sexuais. Viu em números as atrocidades que já vivenciou ao longo de sua caminhada.

O Grupo Gay da Bahia (GGB) mostra que o ano de 2016 foi o mais violento desde 1970 contra pessoas LGBTs até então. Foram registradas 343 mortes, entre janeiro e dezembro do ano de 2016. Ou seja, **a cada 25 horas um LGBT foi assassinado**. Quem pensou que a situação seria amenizada no ano de 2017, se enganou, pois, o preconceito, a falta de representatividade e o descaso na política levam a dados alarmantes de violência: até o dia 20 de setembro de 2017, 277 homicídios foram registrados, segundo levantamento do GGB. Trata-se da maior média de assassinatos desde que os dados passaram a ser contabilizados pela entidade

⁴ Texto escrito pelx alunx no seu PPVA



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

baiana. Também pela primeira vez, a média de mortes ligadas à homofobia passou de um assassinato por dia.

Imagem 4: Gráfico de mortes de LGBTs por ano

Mortes de LGBTs ao ano

Ano	Mortes	Taxa de mortes por dia
2008	187	0,51
2009	198	0,54
2010	260	0,71
2011	266	0,73
2012	338	0,93
2013	312	0,85
2014	326	0,89
2015	318	0,87
2016	343	0,94
2017*	277*	1,05

* Até 20 de setembro
Fonte: Grupo Gay da Bahia

Arte/UOL

Fonte: Grupo Gay da Bahia

É perceptível, no relato do aluno, o quanto esse processo da pesquisa, mesmo com toda a negação e tentativa de cerceamento que a escola promoveu, foi fundamental para a reconstrução social e fortalecimento da identidade enquanto parte de um grupo específico, possibilitando forjar uma causa de luta e resistência deste indivíduo que, a partir de então se percebe e se coloca como sujeito que não somente experimenta os papéis de subalternidade, previamente definidos na nossa sociedade, mas que num movimento de construção da autonomia, cria e recria o seu lugar e sentido no mundo.

Entendemos que a ideia de sujeito é antes de tudo contestadora, pois ser sujeito de sua própria história requer um movimento de contestação ao papel social previamente definido para os indivíduos, como fica claro no seguinte enunciado:

O sujeito não é reflexão sobre o Si-mesmo e sobre a experiência vivida;

ao contrário ele se opõe ao que tentamos chamar primeiramente de papéis sociais, e que na realidade é a construção da vida social e pessoal pelos centros de poder que criam consumidores, eleitores, um público, pelo menos enquanto oferecem respostas às demandas sociais e culturais. (TOURAINÉ, 2002, p.247)

Nessa conjuntura é coerente afirmar que o sujeito é o autor de Si-mesmo, tal ideia é também claramente encontrada nos escritos de Dubet (1996), quando este afirma que, no pensamento clássico da sociedade, o indivíduo é o produto de uma socialização que visa à incorporação de valores e de condutas socialmente adaptadas ao funcionamento da sociedade. Porém, enquanto contestação, o autor afirma que não se defende mais o papel social do indivíduo, mas sim a autenticidade e identidade do sujeito, a afirmação de si e o desejo de ser autor de sua própria vida, produzindo ao mesmo tempo sua ação e sentido para sua existência.

Imagem 5: Banca de aprovação do PPVA da Ingrid



Fonte: Arquivo pessoal

Esta conquista fica claramente explicitada no corpo do texto, quando o aluno reconhece a importância da insistência na temática da sua pesquisa, pois a mesma pode



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

servir de inspiração e encorajamento ao enfrentamento por parte dos outros colegas dentro da escola. “[...] eu sei que não é fácil se assumir assim, pois eu convivo com isso todos os dias e já senti na pele toda a maldade da espécie humana. Mas também sei que tudo isso é uma grande demonstração de coragem de mostrar que sou diferente, mesmo sabendo de como a sociedade trata quem faz algo diferente do que se esperava que fizesse. Só espero servir de inspiração para encorajar aqueles colegas que ainda se sentem culpados por serem diferentes. Acredito que a minha determinação e coragem serve para ajudar não só a mim, mas aos outros ao meu redor [...]”⁵ (*sic*).

Assim concluiu x alunx, que a escola que queremos deveria ser o principal espaço de esperança que possibilitasse a superação do desrespeito aos direitos de todos os cidadãos, caminhando assim rumo a uma sociedade mais justa e igualitária com os seus.

No entanto como o indivíduo pode construir a coletividade e nas palavras de Touraine (2002, p. 248) “[...] ele é um modo de construção da experiência social.”, temos a esperança que essa defesa de PPVA seja apenas o primeiro passo no caminho de uma escola mais tolerante e justa.

CONCLUSÃO

Foi o surgimento de um movimento riquíssimo de contestação dos papéis de gênero e valores morais e éticos previamente definidos e impostos por uma sociedade homogeneizante que tivemos a oportunidade de presenciar, a partir do processo de construção dos PPVAs dxs alunxs Kellen e Matheus/Ingrid no findar do ano de 2017. Se existe um grupo nessa sociedade que entende e constrói com amplo sentido o movimento de contestação, este grupo é o dos LGBTQ, que mesmo frente ao crescimento do discurso e práticas de ódio tem se colocado como resistência, ao disputar espaços de visibilidade e representatividade na política, na música, na arte e nas teledramaturgias, e porque não, no chão dos espaços escolares.

É lamentável perceber que processos de empoderamento e autonomia como os vividos e construídos pelxs alunxs LGBTQ da Casa Escola da Pesca, a partir do processo de elaboração da pesquisa, são negados e invisibilizados por uma gestão escolar que se coloca como instrumento de perpetuação das violências sociais que fazem todos os dias vítimas fatais, como o machismo e a homofobia. Pensamos a escola como instrumento de transformação das injustiças sociais que oprimem, marginalizam e exterminam os corpos LGBTQs que ousam se

⁵Texto escrito pelx alunx no seu PPVA



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

contrapor às normas e padrões sociais previamente determinados, pois é na escola que preconceitos e violências devem ser desconstruídas.

Numa outra Amazônia, onde a natureza e a ação humana se fazem desmedidas, os alunxs, provenientes das margens ribeiras urbanas, de uma cidade enseada de rio, que é Belém, reorganizam a percepção de produção tradicional, e constituem uma especificidade resistente à homogeneização heteronormativa dos corpos amazônidas, nos mostrando uma outra experiência de ser existir as margens.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira. *Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

DUBET, François. **Sociologia da Experiência**. São Paulo: Ed. Instituto Piaget, 1996.

ESTEVAM, Dimas de Oliveira. **A alternância na formação do jovem rural**. Educação e empreendedorismo no campo. Marco Social. Rio de Janeiro: Instituto Souza Cruz. n. 7. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Relatório anual de assassinato de homossexuais (LGBTs)**. Disponível em: <

<https://grupogaydabahia.com.br/2018/01/18/brasil-campeao-mundial-de-crimes-lgbt-fobicos/>> acesso em 13/04/2018 às 21:20:03

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Projeto escola Sem Homofobia**. 2011. Disponível em <<http://pfdc.pgr.mpf.mp.br/informacao-e-comunicacao/eventos/direitos-sexuais-e-reprodutivos/audiencia-publica-avaliacao-programas-federais-respeito-diversidade-sexual-nas-escolas/apresentacoes/rodrigo-oliveira-mec>> acesso em 12/07/2017 às 12:13:55

PESSOTTI, Alda Luiza. **Escola da Família Agrícola: uma alternativa para o ensino rural**. Rio de Janeiro, 1978. 194 p. Dissertação (Mestrado)- Fundação Getúlio Vargas - IESAE. 1978.

SILVA, Lourdes Helena. **As experiências de formação de jovens do campo: alternância ou alternâncias?** Viçosa: UFV, 2003.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade**. 7ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.